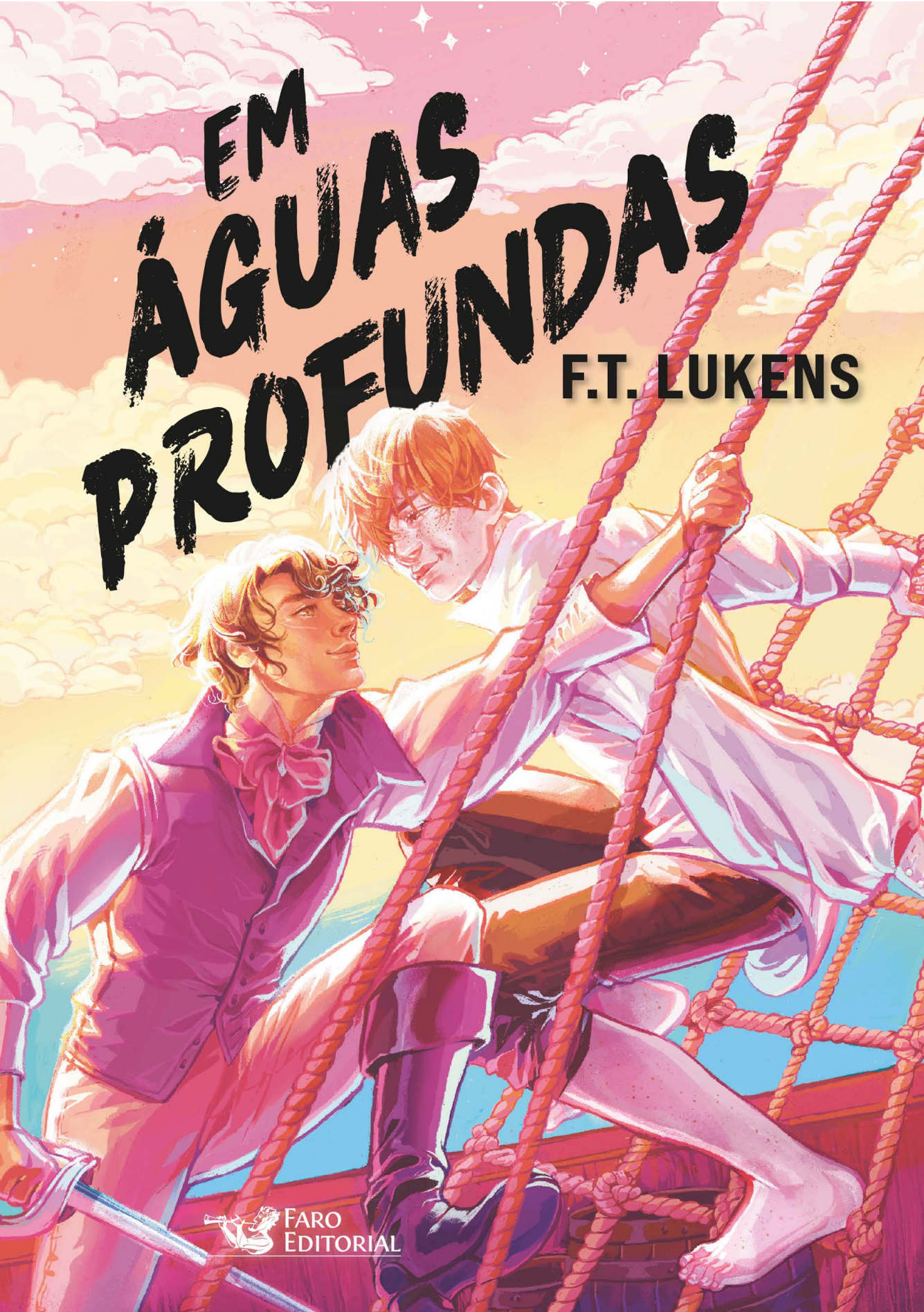


EM ÁGUAS PROFUNDAS

F.T. LUKENS



EM ÁGUAS PROFUNDAS

F.T. LUKENS

TRADUÇÃO
SARAH BENTO PEREIRA

FARO  EDITORIAL

MARGARET K. MCELDERRY BOOKS AN IMPRINT OF SIMON & SCHUSTER CHILDREN'S PUBLISHING
DIVISION 1230 AVENUE OF THE AMERICAS, NEW YORK, NEW YORK 10020

THIS BOOK IS A WORK OF FICTION. ANY REFERENCES TO HISTORICAL EVENTS, REAL PEOPLE, OR
REAL PLACES ARE USED FICTITIOUSLY. OTHER NAMES, CHARACTERS, PLACES, AND EVENTS ARE
PRODUCTS OF THE AUTHOR'S IMAGINATION, AND ANY RESEMBLANCE TO ACTUAL EVENTS OR PLACES
OR PERSONS, LIVING OR DEAD, IS ENTIRELY COINCIDENTAL.

TEXT 2021 BY F.T. LUKENS

JACKET ILLUSTRATION 2021 BY SAM SCHECHTER

JACKET DESIGN BY REBECCA SYRACUSE 2021 BY SIMON & SCHUSTER, INC.

ALL RIGHTS RESERVED, INCLUDING THE RIGHT OF REPRODUCTION IN WHOLE OR IN PART IN ANY FORM.
MARGARET K. MCELDERRY BOOKS IS A TRADEMARK OF SIMON & SCHUSTER, INC. PUBLISHED BY
ARRANGEMENT WITH MARGARET K. MCELDERRY BOOKS, AN IMPRINT OF SIMON & SCHUSTER CHIL-
DREN'S PUBLISHING DIVISION ALL RIGHTS RESERVED. NO PART OF THIS BOOK MAY BE REPRODUCED
OR TRANSMITTED IN ANY FORM OR BY ANY MEANS, ELECTRONIC OR MECHANICAL, INCLUDING PHO-
TO COPYING, RECORDING OR BY ANY INFORMATION STORAGE AND RETRIEVAL SYSTEM, WITHOUT
PERMISSION IN WRITING FROM THE PUBLISHER.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios
existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **VALQUIRIA DELLA POZZA**

Revisão: **OLÍVIA FRADE ZAMBONE E BÁRBARA PARENTE**

Adaptação de capa e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Lukens, F.T.

Em águas profundas : / F.T. Lukens ; tradução de Sarah Bento
Pereira. — 1. ed. — São Paulo: Faro Editorial, 2022.

240 p.

ISBN 978-65-5957-138-3

Título original: In deeper waters

1. Literatura infantojuvenil 2. Aventura I. Título II. Pereira, Sarah Bento

22-1309

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



*Para aqueles que se sentem perdidos; que
vocês possam encontrar um porto seguro.*



7

TAL FECHOU OS OLHOS AO SE INCLINAR SOBRE A PROA E SE esforçou para não vomitar. O convés balançava muito; seu estômago sacudiu quando ele agarrou a madeira da borda do navio enquanto dizia para si mesmo: *Não vomite. Não vomite. Não vomite.*

Ele odiava o mar. Odiava essa viagem. Odiava pensar que o irmão mais velho o provocaria se o encontrasse vomitando.

Respirou fundo e então teve outra ânsia de vômito. Isso era um desastre. Ele tinha avisado a família sobre os perigos de deixá-lo sair do castelo e se aventurar pelo reino, mas não escutaram.

Ele deveria descer para o beliche nos aposentos da tripulação e se esconder até chegar ao porto. Poderia escrever uma carta para a rainha detalhando tudo o que tinha dado errado até agora. E talvez ela permitiria o retorno para casa. Tal viu que ela quase impediu sua partida no dia anterior. Percebeu que a habitual determinação dela enfraqueceu um pouco quando o navio começava a deixar o porto.

— Tally!

Tal ergueu a cabeça e se afastou. O sol lançava luzes na água, e ele ergueu a mão para bloquear o brilho enquanto procurava a origem do chamado. Afastou o cabelo escuro que caía nos olhos.

— Eu pedi para não me chamar assim.

O irmão, Garrett, caminhou em direção a ele. Ele se movia com o balanço do navio, tão à vontade quanto no castelo da família. E deu um tapa forte nas costas do irmão.

— Velhos hábitos, maninho.

Tal endireitou a postura; embora Garrett fosse sete anos mais velho, ambos tinham a mesma altura.

— Tudo bem — Garrett respondeu, passando o braço sobre os ombros do garoto. — Não fique tão irritado. Eu entendo. Você tem dezesseis anos e não quer ser protegido por irmãos mais velhos.

Quarto de cinco filhos, Tal estava acostumado a ser provocado; mas agora, aos dezesseis anos, tinha a sensação de que sempre seria mimado pelos três irmãos mais velhos. O trio tinha os papéis na realeza bem definidos, enquanto o dele permanecia incerto. Sua irmã, Isa, era a mais velha e a

próxima na linha de sucessão para o trono. Garrett era comandante-chefe da marinha. Seu outro irmão, Kest, era um intelectual renomado.

Isolado no castelo desde criança, Tal vivia nas sombras. Essa viagem seria a melhor chance de crescer por conta própria, mas, para que isso acontecesse, ele teria que chegar ao porto de partida. Estava ansioso e impaciente para começar. Ansioso porque tudo poderia dar errado e impaciente para acabar logo com isso. Porém, antes, Garrett teve que parar para averiguar um navio em chamas.

O jovem esticou o pescoço para olhar na direção da embarcação que encontraram. Presa ao navio por uma prancha de madeira e várias cordas, ela flutuava. O incêndio estava quase todo apagado. As velas pendiam dos mastros, rasgadas e chamuscadas — um navio abandonado e não tripulado. Tal não sabia por que o irmão havia se aproximado do navio. Por causa da amabilidade de Garrett, ele era totalmente leal e seguia os conselhos da mãe ao extremo.

O navio abandonado tombou perigosamente e gritos irromperam da tripulação do navio de Garrett. A segunda-em-comando caminhou até eles, os saltos das botas estalando, o cabelo castanho balançando em um rabo de cavalo alto.

— Comandante — chamou, dirigindo-se a Garrett —, encontramos algo interessante.

Shay ergueu uma moeda entre os dedos. Seus olhos escuros desviaram-se para Tal.

— Vossa Alteza — disse, inclinando a cabeça.

Garrett ergueu uma sobrancelha enquanto estudava a moeda. Então resmungou e passou para o irmão.

— O que você vê? — disse o comandante.

— Não é nossa — respondeu girando a moeda entre os dedos. — O selo é de Ossétia. Não é incomum encontrar moedas de países vizinhos tão perto de casa.

O jovem apertou os olhos, passando os dedos pelas bordas salientes da moeda.

— Não está gasta, mas o selo também não está atualizado. Isso mostra o carimbo do rei anterior.

— Bom olho. Você tem estudado.

Não por escolha. Isa se casaria com o príncipe de Ossétia assim que os irmãos retornassem. Para evitar incidentes, o tutor de Tal estava sempre empurrando a história e a cultura de Ossétia. Ele não gostava disso: havia outras coisas mais importantes e sem dúvida mais interessantes para estudar.

Magia, por exemplo.

— Não foi fabricada recentemente, mas também não entrou em circulação. — Garrett a jogou de volta para Shay.

— O que isso significa? — ela perguntou.

— Não sei ainda.

— Há um baú cheio dessas moedas.

As sobranceiras de Garrett se ergueram.

— Um baú inteiro de ouro? Abandonado? Bem, então, isso é interessante.

— Tem mais — Shay prosseguiu, movendo-se ligeiramente.

Shay era a soldado mais leal da casa real. Ver sua inquietação fez o estômago de Tal revirar ainda mais.

— Há algo que deveria ver.

Seu olhar foi para Tal e ela parou bruscamente, seus olhos se estreitando.

— Você deveria vir também, Alteza.

Garrett riu.

— Tally estava vomitando. Você acha que deveria embarcar em um navio afundando? Acredito que não.

Shay se endireitou e agarrou a espada ao lado do corpo.

— É claro, comandante. Pensando melhor, ele pode ser muito sensível à descoberta.

Isso despertou ainda mais o interesse de Tal. Desvencilhando-se do braço do irmão, deu um passo à frente.

— Não sou sensível. Sou príncipe de Harth, assim como Garrett, e decido o que vejo ou não.

— Claro — respondeu Shay, curvando-se brevemente mais uma vez, os lábios rosados se retorcendo em um sorriso. — Vossa alteza conhece seus limites. Peço desculpas por questioná-los.

Garrett riu.

— Shay, que formalidade. É apenas Tally. Você o conhece desde que era um bebê chorão.

— Acredito que ele pediu para você não o chamar assim. Diversas vezes. Desde que saímos do porto... Ontem.

O sorriso de Shay irrompeu, largo e divertido.

Tal franziu a testa e passou por eles em direção à prancha entre os navios. Outros tripulantes movimentavam-se no convés e abriram espaço para o jovem. Eles respeitavam Garrett, porque era seu comandante há anos, e havia treinado com a maioria quando adolescente. Não conheciam Tal, nem tinham intimidade com ele. Olhavam para o irmão caçula como um

governante potencial, avaliando seu valor a bordo do navio. É muito provável que tivessem escutado os boatos; embora o garoto estivesse acostumado com outros sendo cautelosos à sua volta, isso ainda o incomodava.

Doente e mimado. Jovem, mareado, ingênuo, arrogante, *magô*. Tinha escutado todas essas coisas desde que pisara no convés um dia antes, com Garrett ao seu lado e Isa acenando do cais enquanto se afastavam. Ele provaria que todos estavam errados, até mesmo seus irmãos. E a última palavra da lista, a proibida, era para o conhecimento dele e da família, mais ninguém.

Ele pisou na prancha e agarrou a corda que se estendia do mastro principal até o navio abandonado. Quando estava prestes a cruzar, Shay agarrou seu braço e o deteve.

— Vou atravessar primeiro — avisou, em voz baixa. — Eu prometi à rainha que iria protegê-lo, e não posso fazer isso se você sair correndo por aí sem mim.

Ela o contornou na pequena prancha, toda elegante, ágil e com os quadris balançando.

— Siga-me, jovem príncipe.

Tal fez uma careta, mas conteve uma resposta. Começaram a atravessar, e ele fechou os olhos com força quando olhou para baixo e viu pedaços dos destroços caindo no mar agitado. A mão de Garrett em seu ombro não era indesejada nesse momento.

— Continue andando — falou o irmão mais velho em voz baixa ao ouvido. — Não olhe para baixo. Isso mesmo.

O jovem avançou lentamente e saltou tranquilo no convés da outra embarcação, embora balançasse sob seus pés com muito mais violência que o navio de guerra. O enjoo retornou e ele resistiu ao desejo de tapar a boca com a mão; em vez disso, engoliu em seco várias vezes para conter a náusea. Não queria dar a Garrett mais oportunidades para provocá-lo ou qualquer motivo para mandá-lo de volta.

Com Garrett ao seu lado, ele seguiu Shay até os aposentos do capitão. Os vidros das janelas haviam estourado e pedaços eram esmagados sob as botas de Tal.

— Finalmente! Alguém com autoridade.

Entrando nos aposentos do capitão, Tal ficou cara a cara com um jovem.

— Bem, não você — declarou, dirigindo-se a Tal. — Você. — Apon- tou com a cabeça para Garrett, de pé por trás do ombro de Tal. — Você é o comandante? Exijo que me solte.

Garrett acariciou sua barba ruiva.

— Você não estava errada, Shay — comentou. — Definitivamente interessante.

O menino bateu com o pé e cruzou os braços sobre o peito nu. Era alto e de ombros largos, com cabelos castanho-avermelhados que caíam sobre a testa. A luz que entrava pela janela quebrada lançava uma profusão de cores em seu rosto pálido, iluminando os olhos. As calças eram muito curtas nas pernas, chegando às canelas. O rapaz tinha tornozelos finos e pés descalços claros com dedos salientes. Uma algema de ferro apertada no tornozelo estava presa a uma corrente firmada ao chão.

— Terminou? — perguntou o jovem, estendendo os braços para os lados, atrevido diante da inspeção de Tal. — Como pode ver, não sou uma ameaça.

— Nós vamos julgar isso — Shay afirmou, movendo-se para bloquear Tal da vista do rapaz. — O que aconteceu aqui?

Ele se esquivou dela e encolheu os ombros.

— Você vai acreditar?

— Esse não é um começo promissor — Garrett avisou.

Ele acenou para seus marinheiros, que estavam reunidos no cômodo.

— Todo mundo, fora. Encontrem uma camisa e botas para ele. — Então, perguntou ao menino: — Você sabe onde está a chave?

O prisioneiro balançou a cabeça.

— A última vez que vi estava com o capitão.

— E onde ele está? — questionou Garrett.

O menino apertou os lábios em uma linha fina e Garrett acenou com a cabeça.

— Foi o que eu pensei. Bem, vocês me ouviram — dirigiu-se aos marinheiros que circulavam. — Uma camisa, botas e um machado. Podemos pelo menos cortar e tirá-lo do chão antes que o barco afunde. Shay, você também. Tally, fique.

Tal se moveu do caminho enquanto os marinheiros saíam para cumprir aos comandos. Ele se encostou em uma grande mesa no canto. Agarrou a mobília enquanto o navio continuava a se mover instável sob eles, entrando na água e começando uma lenta descida para as profundezas.

O olhar do jovem disparou entre Tal e Garrett, e sua testa franziu.

Garrett suspirou e passou a mão no cabelo curto.

— Qual é o seu nome, menino? — falou como falava com a irmã mais nova quando estava chateada; como quando Tal estava com medo.

O garoto inclinou a cabeça para o lado.

— Athlen.

— Athlen — repetiu Garrett, testando o nome incomum em sua língua. — Precisa de algo?

Athlen olhou para Tal novamente e de volta para Garrett, o rosto contraído em confusão.

— Desculpe?

— Água? Comida? Bandagens? Obviamente, uma camisa...

— Você está sendo gentil comigo?

Essa foi uma pergunta estranha.

— Eles — perguntou Garrett, gesticulando para a cabine — foram gentis com você?

Athlen deu um puxão na corrente.

— Não, particularmente não.

— Não vamos machucar você — Tal deixou escapar. O rapaz se arrepiou com a injustiça de tudo isso. A algema parecia dolorosa; hematomas pontilhavam o topo do pé de Athlen, e a corrente que o prendia no aposento não era longa. Analisando-o como se fosse um perigo, Garrett permaneceu em silêncio, pensativo, estudando a situação com um olhar crítico, mas Tal persistiu. — Não vamos! Eu prometo.

— E você pode fazer essa promessa? — questionou o prisioneiro. — Ou — apontou para Garrett — essas decisões são dele?

Tal corou, envergonhado e indignado, e seu autocontrole se partiu.

— *Eu* prometo. — Uma rajada de vento quente varreu a pequena cabine, girando os destroços e engrossando o ar. Faíscas esvoaçaram entre as pontas dos dedos de Tal, e ele cerrou os punhos depressa. Mas o estrago já estava feito.

Athlen girou a cabeça para encarar o rapaz, a boca se esticando em um pequeno sorriso satisfeito. Suas bochechas formaram covinhas.

— Magia — ele disse suavemente.

Horrorizado com seu deslize, Tal congelou.

Maravilhado, Athlen ergueu o braço e observou os cabelos finos que se arrepiaram, efeito da magia do príncipe. Deu um passo na direção de Tal, maravilhado e destemido, a corrente deslizando pelo chão.

— Você é um mago.

Disse com tanta certeza que não adiantava negar, embora Tal tentasse:

— Não — o rapaz disse passando a língua pelos lábios. — Eu não sou...

— Não é? — Athlen semicerrou os olhos. — Tem certeza? — Com a cabeça inclinada para o lado, deu outro passo, sem se intimidar.

Perdido, Tal olhou para Garrett em busca de ajuda.

— Está perto o suficiente. — A voz de comando do irmão parou o avanço de Athlen, mas não libertou Tal de seu escrutínio. Na verdade, o prisioneiro ficou encarando, sobranceiras erguidas, mais curioso que assustado.

Garrett suspirou.

— Meu irmão está correto. Não vamos machucá-lo, mas não vamos soltá-lo até sabermos o que aconteceu com este navio e de onde isto — disse, segurando a moeda — veio.

Athlen se afastou de Tal e caminhou na direção do mais velho, parando quando a corrente o segurou.

— Ei! Isso é meu. Eu encontrei.

Garrett ergueu as sobranceiras, seus olhos azuis brilhando.

— *Você* encontrou isso?

— Sim, e você não tem o direito de pegá-la. É brilhante e é minha.

— Brilhante? — Garrett murmurou, a sobranceira franzida. — Onde? Um navio naufragado? Ou era do capitão, e você o jogou ao mar e reivindicou para si mesmo?

Athlen zombou.

— Eu não machuquei ninguém. E *eu* encontrei aquele baú na baía, e isso o torna meu.

— Temo que não funcione assim quando se trata de baús de ouro marcados pela realeza.

Apesar das perguntas constantes de Garrett, eles não descobriram mais nada. Minutos se passaram até que Shay voltou com uma camisa e um machado. Ela jogou a camisa para o jovem preso, e ele a encarou antes de puxá-la pela cabeça.

— Liberte-o, Shay. Em seguida, traga-o a bordo do *Pássaro de Guerra*. Tally, venha comigo.

Tal não teve coragem de discutir. Havia selado uma promessa com magia na frente de um prisioneiro. Ele se entregou. Cometeu o erro sobre o qual sua mãe o advertira antes de partir em viagem.

Shay ergueu o machado para quebrar as correntes e Tal correu atrás de Garrett com a cabeça baixa, tropeçando porta afora. O irmão mais velho colocou a mão no ombro do rapaz mais uma vez enquanto seguiam de volta para a prancha. O convés do navio balançava de maneira ameaçadora.

Garrett apontou para um marinheiro magro com cabelo comprido.

— Certifique-se que o baú chegue ao nosso navio antes que este afunde. Assim que todos estiverem de volta a bordo, vamos soltá-lo.

— *Sim*, comandante.

— Ele será seu encarregado — Garrett ordenou quando estavam de volta ao *Pássaro de Guerra*.

Tal abriu a boca para protestar, mas o irmão o interrompeu.

— Ele está assustado. Precisa estar perto de alguém que verá como um igual e não como uma ameaça. Há algo *estranho* nele. Talvez você também possa descobrir isso.

— Shay não seria uma escolha melhor?

— Não, eu confio em você para fazer isso.

O rapaz engoliu em seco. Baixando a voz, disse:

— Desculpe sobre a magia.

— Está tudo bem, Tally. Nossa mãe me avisou que poderia ser imprevisível, mas — ergueu o olhar e observou ao redor do convés — mantenha isso em segredo. Sabe o que pode acontecer se não o fizer.

Tal concordou com a cabeça.

— Eu sei. — Passou a mão pelo cabelo e puxou as pontas. — Já existem rumores entre a tripulação. Eles ficam me encarando.

— Há rumores em todos os reinos. Isso não significa que é verdade, especialmente se não lhes der nenhuma prova. Compreende?

Temeroso, Tal assentiu e olhou para os pés.

— *Sim*.

— Lamento que sua viagem de maioridade tenha começado de modo inesperado. Vamos compensar quando chegarmos ao porto. Quando voltarmos ao castelo para o casamento de Isa, teremos uma infinidade de histórias obscenas para compartilhar com Kest.

Tal esboçou um sorriso, o que lhe rendeu um tapa amigável nas costas. Seu estômago embrulhou quando caminhou até a proa e observou Shay conduzir o jovem pela prancha até o porão, carregando a corrente, ainda presa ao tornozelo. Eles soltaram o navio abandonado e o empurraram para longe, guiando-o para fora do canal. A tripulação desenrolou as velas do navio e o *Pássaro de Guerra* balançou para a frente, deixando o navio destruído para trás.

A brisa bagunçou o cabelo de Tal enquanto eles se dirigiam para o porto, mais ao sul de seu reino. O primeiro dia foi inesperadamente agitado. De repente, ele deveria supervisionar o bem-estar de um garoto estranho e obter informações sobre um baú de ouro e um navio abandonado. Sua magia havia

se revelado, apesar de todo o treinamento que suportou nos últimos anos para mantê-la em segredo. Flexionou os dedos e suspirou.

Como poderia provar seu valor para sua família se não podia manter a magia sob controle em situações em que não deveria nem mesmo estar ansioso? Como Garrett poderia confiar nele?

Tal respirou fundo, feliz com o ar puro do mar, livre da fumaça. Ele poderia começar fazendo o que o irmão lhe pediu; ele não lhe daria uma tarefa que não pudesse fazer. Confiava em Garret. E seguir suas ordens seria um bom primeiro passo. Fortalecendo a determinação, Tal deixou a proa e caminhou pelo convés com a intenção de verificar seu encarregado.

— **PRECISO DE ÁGUA** — AVISOU **ATHLEN**, ERGUENDO A CABEÇA ENQUANTO **TAL** descia a escada.

O príncipe franziu a testa com o pedido e a falta de saudação formal. Seu primeiro instinto era afirmar seu *status* como um membro da realeza, mas ele fez uma pausa. Havia um estranho tipo de alívio em não ser reconhecido, especialmente a bordo do navio do irmão. Eles estavam viajando fazia apenas um dia, mas os olhares avessos da tripulação e o som de seus sussurros se estabeleceram pesadamente em seus ombros. Talvez Athlen o tratasse de maneira normal se não soubesse o significado do legado de Tal.

— Eu sou Tal — apresentou-se. Não o príncipe Taliesin de Harth. Não Tally, o filho mais novo da rainha. Não Tal, o último mago da linhagem real. — Cuidarei de você.

— Como um prisioneiro? — Athlen bufou.

— Como um convidado.

O garoto fez uma careta e gesticulou para os arredores.

— Obrigado por sua hospitalidade.

Tal deu uma olhada ao redor. Athlen não estava errado. Shay o trouxe para o porão, abaixo dos aposentos da tripulação, no interior do navio. A madeira rangia, o sol mal penetrava nos três conveses acima deles e pontos úmidos pontilhavam o chão e as paredes, tornando o espaço fechado úmido. Ainda que Athlen não estivesse preso, estava implícito que era ali que deveria ficar.

— Vou encontrar um cobertor para você — Tal justificou. — Uma rede. E comida.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM MARÇO DE 2022